

**Apressa-te Lentamente:  
Reflexões sobre o Ensino de Dança na Área da Rapidez<sup>1</sup>**

Isabel Marques

**Palavras Iniciais**

Na casa da poetiza paulistana Hilda Hirst havia um relógio sem ponteiros em que estava escrito no papel circulado de números “é bem mais tarde do que você imagina”. A pressa e o atraso são falas recorrentes de milhões de cidadãos que vivem apertados entre um dígito e outro do relógio. Parece-nos que o mundo está atrasado, pois todos correm desesperadamente atrás dos horários que marcam os compromissos, os prazos, as realizações do futuro.

Comigo não foi diferente: ao receber este convite para estar aqui com vocês hoje, celebrando a abertura de mais um curso de Licenciatura em Dança no Brasil, pus-me a correr: correr para verificar vãos, para arrumar a papelada, para preparar esta conversa de hoje. Quando me deparei com o tempo que tinha e o que necessitava, desejei – no mais profundo e consciente senso comum - que “o dia tivesse mais de 24 horas”. Mas seria isso mesmo? Mais horas no dia resolveriam nossa pressa, nossos atrasos, nossas correrias?

Resolvi, então, debruçar-me mais uma vez sobre a questão do tempo, das vivências contemporâneas de tempo e dedicar essa conversa ao que temos de mais precioso: nosso tempo de dançar – e de viver.

Vocês têm pelo menos mais quatro anos pela frente até terminarem o curso de Licenciatura. Isso é muito ou é pouco? Considerando-se as vivências e as premências contemporâneas, isso é uma eternidade. Olhar para frente e vislumbrar mais quatro anos de estudos em um mesmo lugar pode assustar qualquer um. Por outro lado, o que são quatro anos na vida de um profissional? Para quem já tem mais de vinte na profissão, quatro anos são simplesmente um – importante - início.

A maioria dos alunos de dança com quem vocês trabalharão nas escolas terá, no máximo, uma hora de trabalho por semana, por um curto período da vida, e só. Uma hora

---

semanal é muito ou é pouco tempo? Vocês provavelmente me responderão que “depende”. Mas, depende de quê? De quem?

Professores preparados e conscientes do vastíssimo leque de conteúdos da Dança e de suas possibilidades nas escolas com certeza responderão que esse tempo é exíguo, mínimo, insuficiente. Por outro lado, para crianças e jovens que vivem a era da rapidez, tempos de correria, uma hora em sala de aula pode ser uma eternidade.

Quando, agitados e frenéticos – tomados pela era da rapidez – alunos não respondem positivamente às propostas do professor de dança; quando alunos não dançam, só gritam, brigam, sobem pelas paredes, uma hora de aula estende-se insuportavelmente dentro de nós. Ao contrário, quando há proposta, envolvimento, motivação, ação, uma hora de dança por semana jamais bastará.

É sobre essas e outras questões relativas ao tempo e à dança que gostaria de conversar com vocês. Como trabalhar com as questões de tempo de aula, tempo do aluno, tempo da dança, tempo contemporâneo, tempo.

## **A Rapidez no Cotidiano**

“Apressa-te lentamente”, nos recorda Ítalo Calvino em suas *Seis Propostas para o Próximo Milênio* (1990).

Com a máxima latina, Calvino também nos convida a refletir sobre a rapidez como um valor a ser acarinhado e explorado na construção literária, e, portanto, na arte e na vida. Com Calvino, podemos chegar à conclusão de que a rapidez deveria ser um dos elementos constituintes das práticas e reflexões da arte contemporânea e, conseqüentemente, da arte na escola.

A sensação de que o cotidiano constitui-se em não mais do que em um correr atrás do tempo parece inerente ao ser-estar contemporâneo. A fascinação pela rapidez, pela velocidade, pela instantaneidade, pela fugacidade marca profundamente as ambições e as buscas dos cidadãos que fazem a contemporaneidade.

A rapidez é a marca da eficiência, a velocidade da coragem, a instantaneidade da esperteza e a fugacidade é a marca do brilhantismo. Corpos devem ser rápidos, mentes

devem ser velozes, equipamentos devem ser instantâneos, pensamentos devem ser fugazes. Fórmulas de sucesso! – que também serão passageiras.

Quem quer esperar na fila? Quem agüenta ouvir uma história enrolada? Quem aceita um espetáculo que dure mais de 60 minutos? Quem não se desespera com a internet lenta? Quem não dorme com a sensação de estar perdendo tempo? Quem não fica entediado com um discurso de mais de meia hora? Quem fica diante de uma pintura por mais de 20 minutos? Quem consegue meditar por mais de uma hora?

Pensando no ensino de dança: que criança consegue se envolver em uma atividade de dança que dure mais de 10 minutos? Quem agüenta uma aula inteira de dança sem músicas aceleradas e variadas? Que crianças gostam de estudar o “tempo prolongado” sugerido por Laban? Que professor suporta reuniões pedagógicas que duram a manhã inteira? As teorias que permanecem por mais de dez anos são ainda válidas, ou temos de mudar, mudar, “modar” (seguir a moda), pois “o tempo passa”? “A fila anda”?

Paradoxalmente, o desejo mais profundo de milhões de trabalhadores no ritmo frenético dos centros urbanos é uma aposentadoria, um feriadão tranqüilo, um minutinho de paz junto à família. No entanto, arrumamos mais trabalho e mais horários quando nos aposentamos, levamos nossos laptops com internet para as viagens de final de semana, planejamos mil e um passeios e atividades para fazer com a família e não os realizamos no tempo.

Nas aulas de dança, crianças que demoram a compreender o que foi proposto em geral irritam os colegas e os professores. Alunos que fazem tudo mais devagar ficam para trás, são taxadas de lesmas, lesos, lerdos. Professores em geral têm preguiça de fazer o registro crítico das aulas, pois leva tempo, é um tédio. Elaborar, refletir, refazer para transformar leva tempo, é uma chatice, dizem. Temos a impressão de que ninguém suporta mais a lentidão, o tempo distendido, a espera.

Mas, na era da rapidez, o tempo prolongado, distendido, a espera devem ser desconsiderados, descartados? Alunos que não sabem esperar sua vez interferem negativamente no desenrolar das aulas. Trabalhos coreográficos amadurecem com o tempo, ficam melhores, mais completos, mais consistentes. Pesquisas necessitam tempo de investigação e de elaboração para que façam sentido.

No cotidiano da sala de aula, principalmente das aulas de dança, há corpos em desenvolvimento que necessitam de tempo para compreender, fazer, transformar as propostas dos professores. Copiar um exercício ou uma coreografia é um processo relativamente rápido, criar e transformar o que foi proposto pelo professor ou pela tradição é bem diferente – exige concentração, pesquisa, experimentação, ensaio, amplitude de tempo, limpeza.

Improvisar louca e repentinamente qualquer coisa é rápido, fugaz, não entedia - mas não é necessariamente interessante ou significativo. Improvisar a partir de uma proposta, refletir sobre o que foi feito, revisitar as qualidades do movimento exploradas exige tempo, motivação, aprofundamento.

Essa discussão nos leva a refletir, na verdade, não sobre a preponderância da rapidez e o desaparecimento da lentidão. Tampouco sobre o resgate do tempo distendido em detrimento da rapidez contemporânea. Não se trata aqui da apologia a um ou a outro, mas sim, de pensar como na era da rapidez, é possível lidarmos com as necessidades de vivências temporais diferentes para os processos de ensino-aprendizado. Talvez seja interessante refletirmos sobre a máxima proposta por Calvino – como podemos nos apressar lentamente no cotidiano do ensino e da dança?

### **A Rapidez nas Aulas de Dança**

A rapidez a que Calvino se referia como um valor para o próximo – este – milênio já é um fato, não mais um desejo ou uma suposição. No século XXI, a rapidez é um conceito, não está relacionada à posse de objetos rápidos (relógios, computadores, processadores, etc). As vivências rápidas do tempo são irrevogáveis.

Podemos, no entanto, compreender, problematizar, criticar e transformar nossas vivências de tempo e, com elas, nossas concepções de dança, nossas práticas de ensino. O tempo não muda, a nossa forma de vivê-lo sim.

Calvino traz em suas reflexões as qualidades da rapidez em que acredita: a agilidade, a mobilidade, a desenvoltura. Trabalha com as idéias de velocidade, leveza, flexibilidade. Estas são também as características de Mercúrio, deus grego da comunicação,

da destreza, das trocas, da alquimia. Mercúrio, pés alados, é leve e aéreo, desenvolto, hábil e ágil. Mercúrio é o retrato do tempo atual, em constante movimento.

Conforme bem nos lembra o próprio Calvino, as características de Mercúrio se opõem às de Saturno: melancólico, solitário, contemplativo, lento. Saturno é o pré-tempo, a eternidade. Sem desprezar o tempo saturnino, Calvino nos sugere que o século XXI deveria se pautar na leveza e na rapidez mercuriais.

Saturno é Cronos, o tempo, inexorável, contínuo, aviso de tempo que não passa, pois não há movimento nem transformação. Tempo é movimento construído na dinâmica passado-presente-futuro. Saturno come os filhos com o intuito de não permitir que a dimensão tempo-movimento exista. Ao engolir os filhos, Saturno impede que essa dinâmica aconteça, perpetua a imobilidade do tempo que se transformaria com a vinda dos filhos, pois as novas gerações fazem com que o passado exista, com que surjam novas perspectivas futuras (BRAZIL, 2001).

Aulas de dança que miram somente a continuidade e a perpetuação no tempo, por exemplo, aulas de repertório, exercícios com cópia, seqüências coreográficas prontas, podem também ser inexoravelmente pesadas, eternas, pré-tempo, quase mortas, como o tempo saturnino. Aulas de dança que prezam o tempo saturnino são aquelas que não prezam a transformação, pois são aquelas que não prezam o fluxo do movimento. Aulas saturninas são ministradas por professores que preferem engolir seus alunos ao invés de dialogar com eles e com as concepções de tempo, de espaço e, portanto, de dança, que trazem consigo na perspectiva de movimento e transformação.

Em geral, essas aulas saturninas trazem propostas pedagógicas que se alimentam de perpetuar técnicas outrora consideradas universais e bases para a dança; são aulas que se resumem em repetir eternamente repertórios tradicionais com o intuito de preservar a cultura e a história; aulas que se utilizam de metodologias que não conversam com os alunos da era da rapidez.

Aulas de dança que estou aqui chamando de saturninas são aulas voltadas para o passado, para uma história estática, para uma pedagogia que não incorpora os contextos das danças e dos alunos que vivem no tempo presente. As aulas que revelam práticas de dança que não reconhecem o presente, os alunos e suas vivências; que são incapazes de propor

relações críticas entre histórias passadas e vivências presentes, essas aulas estão fatalmente fadadas à melancolia e ao isolamento saturninos.

Há, no entanto, aulas de dança que não se prendem ao passado, mas, ao contrário, se limitam a projetar o futuro. Aulas somente projetadas no futuro tampouco permitem que as vivências de tempo se transformem. Por exemplo, aulas em que os exercícios técnicos, somáticos ou criativos são repetidos muitas vezes e tomam a maior parte do tempo da aula como “preparação” para a dança propriamente dita (seqüência, improvisação) que será proposta nos últimos cinco minutos da aula.

Ou então, podemos pensar nas aulas semanais que se resumem a ensaiar para o espetáculo no final do ano, ou para um exame importante no final do semestre. Novamente, as aulas são somente “preparação” para a dança propriamente dita. A projeção no futuro sem que haja uma conexão com o presente perpetua também um tempo estagnado, sem mobilidade, sem desenvoltura, sem transformação - sem vida. As aulas com ênfase no futuro projetam somente o que está longe, e isso demora, não transforma.

Na mitologia grega, Saturno é destronado por Zeus, pai de Mercúrio, abrindo espaço para outra vivência cotidiana – a da leveza rápida, descontínua, comunicacional, alquímica. Mercúrio traz a possibilidade de transformar a ação como um valor e, portanto, a possibilidade de movimento como característica das vivências de tempo. Mercúrio é rápido, as asas nos pés indicam contato com a transcendência. Ganha de Apolo o cetro que conduz as almas na passagem do tempo. Mercúrio traz a possibilidade de comunicação entre o passado, o presente e o futuro. O tempo mercurial dialoga com as dimensões de passado, presente e futuro de forma alquímica, ou seja, inter-relacionada, transformadora, transcendente (BRAZIL, 2001).

Quero aqui relacionar a mitologia grega e as reflexões filosóficas mais recentes sobre o tempo na contemporaneidade. Vários autores apontam o presente perpétuo como uma das marcas das vivências temporais contemporâneas. Isso quer dizer que não vivemos mais em função do passado ou do futuro, como outrora. Vivemos o tempo presente.

Com esse ponto de vista poderíamos cair no entendimento de que as aulas de dança deveriam deter-se somente às experiências presentes e presenciais. Um exemplo desse tipo de concepção de aula são as aulas de improvisação que só levam em conta a expressão dos

alunos no momento em que acontecem. Essas são aulas, em geral, atreladas ao propósito do *laissez-faire* e que não se comprometem com resultados ou com históricos anteriores.

Nesses casos, a supervalorização do presente, também supervaloriza o processo. Em geral, essas são aulas desenfreadas de auto-indulgência sem sentido artístico, estético ou educacional. O compromisso com a arte e com a educação exige um diálogo mais complexo e mais crítico entre as perspectivas de tempo passado, presente e futuro.

As aulas de dança que não permitem as vivências passadas nem futuras nos remetem às penas que herói grego Orfeu descreve em sua passagem no Hades (mundo inferior dos gregos, outro mundo completo e infinito, pós-morte) em busca por Eurídice. O tempo só passa - alguém rola uma pedra montanha acima que chega ao ápice e retorna ao pé da montanha; outro tenta encher um tonel que não tem fundo e assim por diante.

Ao contrário disso, entendo o presente perpétuo não como a anulação do passado ou do futuro, mas sim como a dimensão tempo construída pelo diálogo permanente entre passado, presente e futuro tendo o presente como referência. Nessa perspectiva, devemos compreender o passado, para viver o presente. Da mesma forma, devemos viver o presente para projetar o futuro.

Em épocas de um presente perpétuo, é vital compreendermos que o que realmente importa é hoje, o presente, contanto que conectados ao passado e ao futuro. Assim, nossas aulas de dança poderão ser mercuriais: com ênfase na comunicação, na troca, no diálogo ágil e leve – nossas aulas de dança poderão ser transformadoras.

As aulas de dança a que me refiro aqui como mercuriais têm como ponto de partida e de chegada um constante perguntar – ou aquilo que Paulo Freire (1982) chamou de problematização. Problematizar não quer dizer criar problemas ou ser problemático, ao contrário disso, problematizar é levantar questões, perguntar, indagar para sairmos do senso comum, para podermos nos relacionar com o mundo criticamente.

A educação problematizadora tem como alicerce o potencial criativo e transformador do ser humano e, portanto, nasce da curiosidade pelo conhecimento, ou da curiosidade epistemológica (Freire, 1996).

A educação problematizadora nutre-se da pergunta, da indagação, do questionamento e da dúvida. Por isso, a educação problematizadora tem como pressuposto a humildade, o ato de reconhecimento do não-saber, o gosto pelo conhecimento aberto e

inacabado. A educação problematizadora e, em última instância, nutre-se do movimento, do tempo mercurial.

Pensarmos o ensino de dança no tempo mercurial e do presente perpétuo em uma perspectiva problematizadora implica conhecermos as histórias e culturas corporais de nossos alunos, as histórias da dança, nossas trajetórias pessoais como professores para que possamos construir nossos currículos e programas. Precisamos, também, conhecer nossos sonhos e buscas, perguntar sobre os planos e desejos futuros dos alunos com a dança e perante o mundo, traçar um devir para que as aulas presentes tenham perspectivas e façam sentido.

Mas como pensar essa perspectiva de tempo em nossas salas de aula relacionando-as à rapidez sugerida por Calvino como um dos marcos desse milênio? Como fazer com que a pressa não seja inimiga da perfeição? A rapidez como valor pode gerar afobação, ansiedade, stress. A rapidez pode trazer também o *non-sense*, a superficialidade, a ingenuidade freiriana, a falta de crítica, de reflexão e de aprofundamento.

Calvino nos traz a sugestão de que a rapidez deve estar intrinsecamente relacionada à concisão e ao foco que trazem com ambos a complexidade, a profundidade, a unidade. Em suas propostas, a rapidez não diz respeito à fugacidade ou à afobação, mas sim à capacidade de dizer muito, bem e significativamente de forma concisa e precisa. Calvino preza a mobilidade que a rapidez permite, sem, contudo, permitir que a mobilidade se transforme em insipiência, em superficialidade. Escritor, Calvino preza o conto – sem desprezar o romance. O bom conto, afirma, traz a concisão e o foco que permitem profundidade, a complexidade e a unidade.

Ao transpormos o raciocínio de Calvino para as aulas de dança, estaremos indagando sobre a necessidade de ensinarmos dança com ênfase na capacidade de sintetizar idéias e práticas em curtos períodos de tempo – o tempo da aula. Dessa forma, corpo e pensamento podem voar livremente, desenvoltos, ágeis e, ainda assim, consistentes e com sentido. Penso que ao mesmo tempo em que cada aula está relacionada com a anterior ou com a seguinte – o que garante a continuidade, o amadurecimento e o desenvolvimento – aulas, como em contos, deveriam construir sentido em si mesmas.

Entendo aulas sob a perspectiva da rapidez sugerida por Calvino como aulas em que forma e conteúdo estejam conectados. Ou seja, aulas em que caminhos e trajetórias –



portanto metodologias – logrem a concisão e o foco na abordagem dos conteúdos. Estamos pensando, basicamente, em relacionar essa forma, ou as metodologias, a escolhas precisas de conteúdo – sem “encher lingüiça”, sem conteúdos desnecessários, sem propostas ambíguas ou confusas.

Em suma, sugiro que o encaminhamento das atividades propostas em aula deve partir de escolhas focadas em conceitos claros da linguagem da dança que permitam o diálogo entre as histórias e vivências passadas, presentes e futuras dos alunos. Sugiro que pensemos essas trajetórias metodológicas como uma rede de relações dialógicas entre tempos e conteúdos (Marques, 2008).

A escolha da abordagem metodológica é peça chave nesse diálogo, pois é base para traçar - concisamente ou não - os caminhos das aulas e assim, permitir ou não aos alunos as vivências de seu tempo, do tempo presente.

## **Palavras Finais**

Ensinar e aprender constitui um processo longo, contínuo, mas não precisa ser lerdo, imóvel, eterno. O corpo e a arte têm continuidades necessárias para o aprendizado, aperfeiçoamento e crítica, mas esse aprendizado não precisa ser pesado, enfadonho, parado, imóvel.

Podemos em sala de aula de dança propor metodologicamente um jogo permanente com as dimensões temporais (passado, presente, futuro) de modo a viver substancialmente a rapidez contemporânea que permite a complexidade, o aprofundamento, o nexos – ou seja, que permite a construção crítica do conhecimento. “Apressa-te lentamente”.

## **Referências Bibliográficas**

BRAZIL, Fábio. *Anotações do Curso Espelho de Medusa*. Caleidos Arte e Ensino, São Paulo, 2001.

CALVINO, Ítalo. *Seis Propostas para o Próximo Milênio*. São Paulo, Cia. das Letras, 1999.

FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. São Paulo, Paz e Terra, 1982.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

MARQUES, Isabel. *Ensino de Dança Hoje*. 5ª ed. São Paulo, Cortez, 2008.